

O RECIFE E O FANTASMA DA INTOLERÂNCIA

Maria Aparecida Lopes Nogueira*

A cidade é objeto da natureza e sujeito da cultura.

(...) É algo especificamente humano.

(Claude Lévi-Strauss)

Um poeta municipal já me chamara a cidade de escritório.

Que àquele tempo encabulava muito porque eu não

sabia o seu significado direito.

Soava como escárnio.

Hoje eu sei que escritório é coisa relacionada com jóia,

Cofre de bugigangas...

(Manoel de Barros)

Um dos mais importantes desafios enfrentados no século XXI é a cidade. Não é à toa que cientistas sociais, arquitetos, gestores, preservacionistas têm-se deparado com um leque diverso de obstáculos na tentativa de equacionar crises advindas da violência, do cosmopolitismo e do hiperpovoamento, sobretudo quando o foco de estudos se concentra nas grandes cidades.

Como grave consequência de tais crises, a intolerância atravessa as metrópoles como um fantasma, reforçando as contradições e ambiguidades nas quais estamos mergulhados; expressão de um processo globalizador cruel e excludente que tenta – a todo custo – tornar-se e permanecer invisível.

* Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Atualmente, acalentamos – simultaneamente – dois imaginários sobre as grandes cidades. O primeiro deles é constituído por imagens que denunciam a existência de um tipo de espaço urbano onde a frieza e o distanciamento constituem as principais adjetivações.

Os significados daí advindos reiteram a impessoalidade das relações, fomentam a competição desenfreada, o padrão de acumulação e os processos de exclusão. Os problemas resultantes desse triste espetáculo são percebidos como o preço a pagar pelo progresso, descartando *a priori* a possibilidade de criação de outros modelos de cidade.

As desigualdades e segregações urbanas são ressonâncias de uma lógica que tem como pano de fundo a construção de espaços identitários hegemônicos, na medida que subordina pessoas e lugares às denominadas necessidades do desenvolvimento.

O segundo imaginário exhibe utopias, sonhos e sabedorias que reiteram a sutura entre real e imaginário, cujos objetivos primordiais é assegurar aos humanos um futuro melhor e permitir saídas ético-políticas por meio da elaboração de outros itinerários intelectuais de estudo e análise.

Tais imagens expressam tentativas de resistência à crueldade da metrópole. Trata-se de uma aposta na cidade pulsante, aquela que religa os lugares às pessoas, imprimindo aos espaços características vivas; ou seja, as marcas de cada um de nós.

Mais do que pedra e cal, a cidade – como todo e qualquer símbolo – passa a ser percebida como encarnação dos sonhos e utopias dos seus praticantes.

Na condição de *bela matéria*, a cidade conspira para intensificar a atividade prospectiva das imagens; pois não podemos esquecer que, de acordo com as formulações de Gaston Bachelard (1991), elas antecedem a percepção.

As imagens exibem o imbricamento entre o psíquico e o físico; por isso – por meio delas – o cotidiano urbano pode ser apreendido no fulgor dos seus desejos, pulsações e personagens.

É nesse cenário de contradições que situamos o Recife de hoje, capital do Estado de Pernambuco, Brasil. Para compreendê-lo de forma mais ampla é necessário o desvelamento da intolerância aí presente, a partir da tríade imagem-exclusão-reinvenção.

A urdidura entre os elementos que integram tal tríade permite a apreensão da dramaticidade vivenciada por todos aqueles que tentam ultrapassar os espaços de segregações identitárias e fragmentações culturais. São eles os principais inspiradores para que sejam forjados novos valores, que “secretam uma indômita força civilizatória, e mantem corações, mentes, subjetividades e corporeidades” (CARVALHO, 2004, p. 60).

No Recife, três exemplos da vida real – os moradores de rua: Severino, Fumaça e Isabel – denunciam a urgência da formulação de políticas públicas voltadas para o replanejamento de cenários mais coerentes com as ambivalências da cultura. É essa a tarefa da razão aberta: colocar a imaginação a serviço de um nível de realidade cravada pela tolerância, inclusão e coparticipação.

Os exemplos a seguir são compreendidos aqui como metáforas da cidade; permitem a intersecção entre as imagens e as condições sociais, na medida que tornam visíveis os níveis da intolerância sofrida pelos moradores de rua do Recife.

Fragmento 1: “Quem não conhece Lolita, não conhece o Recife”

Nome: Severino. Idade: 35 anos. Morador das Palafitas do bairro dos Coelhos, Recife.

Há 15 anos fugiu de Salgueiro, sertão de Pernambuco, em busca de dias melhores. *Vida Severina*: fome, seca, morte. Deixou para trás a terra seca e os poucos familiares que restaram: a mãe e dois dos oito irmãos.

Nesse instante, o Recife se lhe apresentava como um sonho, o paraíso perdido, a terra prometida. Poderia recomeçar ter uma vida digna e ajudar sua família. A cidade poderia oferecer linhas de fuga para o pensamento e a imaginação.

Irredutível aos seus anseios de realização, o Recife revelou-se madrasta impiedoso-

O Recife e o fantasma da intolerância

Maria Aparecida Lopes Nogueira

sa, pronta a destroçar as esperanças de Severino. Vivenciando a alma trágica da cidade, foi engolido por ela, não teve opções. Sem emprego, sem moradia, foi morar nas palafitas dos Coelhos.

De novo, a mesma *Vida Severina*. *Homem-caranguejo*: obrigado a extrair da lama seu sustento. *Homem-gabiru*: obrigado a extrair do lixo seu sustento.

Nessa experiência direta, quase carnal com o Recife, Severino tem aprendido a aceitar a vitalidade da desordem que se insinua numa nova ordem, produzindo desarmonia, diferenças. Tem aprendido a conviver com as perdas, as angústias e as tensões que envolvem a luta por esse espaço de conflito. Com a construção de dois dos mais bem conceituados hospitais do Estado de Pernambuco, toda a população das Palafitas tem sido ameaçada de expulsão, resultante do anseio de harmonia, de uma razão asséptica e de um desenho totalizante que tenta se impor pela força do capital.

Severino comprou a briga. Integra uma Associação com outros moradores na luta pelo espaço. Como fruto dessa luta, a favela faz parte da Zona Especial de Inclusão Social (ZEIS). Mas a luta não pára. É um eterno recomeço que ensina a não mais temer os conflitos, a re-evocá-los, a configurar o disforme.

Perdeu o contato com a família. No barraco de um vão onde mora, de difícil acesso, Severino declara: “Adoro minha casa. É grande e bonita... Jamais sairei daqui”.

Barraco enfeitado. Flores de plástico, cortina e colcha de chitão coloridas. Nas paredes, *posters* coloridos de estrelas de cinema forjam uma espécie de coro polifônico de vozes e risos que compartilham o segredo de Severino.

Anoitece. Do lado de fora do barraco, uma imensa lua cheia se ergue alumiando as palafitas: e Oxum passa a mirar-se nos espelhos d’água. Severino surge em um vestido preto e vermelho: Pomba-gira pronta para mais um *show* numa *boite* nos arredores.

Diante do nosso olhar de espanto, solta uma sonora gargalhada e diz: “Sou Lolita...

Quem não conhece Lolita, não conhece o Recife”.

Fragmento 2: “Esse é meu guri”

Nome: Fumaça. Idade: 8 anos. Menino-de-rua, cheira-cola. Nunca frequentou a escola.

Na saída do *Shopping Tacaruna*, cruzamento com a Avenida Cruz Cabugá, especificamente naquele sinal, pode-se encontrar Fumaça em meio a tantos outros meninos, a maioria moradores da favela ao lado – Ilha de Joaneiro –, isolada do referido *shopping* por um muro.

Fumaça insiste em limpar o parabrisa de um carro. A mulher na direção, apavorada, repete nervosamente com gestos que não fizesse isso.

Mais uma vez sem uma moeda. Dia difícil esse. O que dirá à mãe em casa?... Provavelmente, vai apanhar, pois o dinheiro que deveria arrecadar garantiria a compra de pão, alimento para a mãe de vinte anos de idade (ex-menina-de-rua, desempregada) e para os cinco irmãos mais novos do que ele. E o pai?... Não conheceu. Abandonou sua mãe ao engravidá-la, aos 12 anos.

No braço esquerdo, tatuou a palavra “mãe”, uma homenagem àquela que cuida dele, que só quer o seu bem: “Ela me ama, por isso bate em mim”.

O Projeto Pé-no-Chão, uma organização não-governamental que trabalha com meninos-de-rua, descobriu Fumaça. Numa tarde de terça-feira, o Pé-no-Chão foi desenvolver suas atividades justamente no sinal onde Fumaça fazia ponto.

E o Êrê encantou-se com o som dos instrumentos de percussão. Pediu logo um tambor daqueles. Tocava alto, como se quisesse descarregar ali toda sua revolta. Em seguida, largou o tambor e começou a dançar. Uma coreografia na qual braços, pernas e cabeça se harmonizavam numa sincronia tranquila e feroz. Como se não bastasse, começou a cantar. Era um *rap*. No improviso das letras, denúncias de uma vida difícil: a fome, a perseguição da polícia, a vida nas ruas, a responsabilidade de ser adulto aos 8 anos de idade.

A fluidez das letras e o ritmo consagram Fumaça como artista. Agora ele é um dos *rappers* do Pé-no-Chão. Percorre a cidade com o Projeto, sempre denunciando as péssimas condições de vida dos meninos-de-rua. Não mais cheira cola, mas continua nas ruas, responsável pela sobrevivência da família.

Na roda dos *rappers*, quando Fumaça – o menor deles – vai ao centro e canta, toca fundo o coração das pessoas ao redor e consegue fazê-los chorar.

“Eu não disse que ele chegava lá!?!... Olha aí... Esse é meu guri!...”

Fragmento 3: “A coroa do rei é de lata”

Nome: Isabel. Idade: 42 anos. Moradora de ura.

Integra um grupo de quatro moradores que ocupa algumas das calçadas do Largo do bairro de classe média, Encruzilhada. Luiz, um velho caladão; Jorge, tuberculoso, tosse o tempo todo; Ivanise: negra, muito alta e muito magra, com uma ferida na perna.

Isabel, embora tenha nome de princesa, não brincou de princesa nem acostumou na fantasia. Baixinha, alcoólatra, costuma falar só, vive da caridade das pessoas. Não toma banho. Mantém sua crosta de sujeira talvez na esperança de defender-se contra as humilhações e atrocidades a que é submetida.

“A cidade não pára. A cidade só cresce. O de cima sobe, o de baixo desce”.

Isabel já teve família. Morava na Ilha de Joaneiro, favela do centro do Recife. O marido morreu em decorrência do alcoolismo. Os dois filhos, ladrões, foram assassinados por grupos de extermínio.

Solitária, louca, mal sabe quem é, onde está. Durante o dia, vagueia pelo bairro, em meio ao trânsito de carros e pessoas, como uma sombra. *Flâneur* às avessas: possui a arte de perambular pelas ruas. Gasta o dinheiro que recebe em cachaça. À noite, recolhe-se na sua calçada. Dorme em cima de papelões. Outro dia, o dono de uma loja de motos, vizinha do espaço onde se abriga, jogou óleo queimado na sua calçada, para impedir Isabel de morar ali, sob a alegação de que ela enfeia sua loja e afugenta a clientela.

Isabel não reclamou. Continuou dormindo no mesmo local, como se nada tivesse acontecido. Quem sabe se o óleo queimado ajudou a fortalecer sua crosta?...

Nada quer. Nada pede. Aguarda apenas o instante, no céu, onde re-encontrará o marido e os filhos. Aguarda apenas a chegada da “Indesejada das gentes”.

Severino. Fumaça. Isabel: expressões da urbis contemporânea

O Recife desenvolve uma intolerância contra eles que opera em silêncio. Como cidade-feminina, o Recife é uma cidade romântica, volúvel, envolvente. Nela, o tempo se investe – sobretudo – na busca do prazer. Homens e mulheres desse tipo de cidade cultivam predominantemente o *demens*, expresso aqui na Lolita de Severino, no rap de Fumaça e na loucura de Isabel. A predominância do *demens*, mesmo por alguns instantes, permite-lhes melhorar a vida da cidade, cena aberta a infinitas possibilidades, multiplicidade vivente.

Severino. Fumaça. Isabel.

Personagens do Recife. Ficção-realidade. O Recife, ao contrário da literatura, não pode escolher seu elenco, diria Rui Castro. Os três constituem um *Outro* não-humano. São invisíveis, sob a égide de uma lógica excludente, cada vez mais cruel e perversa.

O conjunto formado pelos três personagens nos auxilia a pensar sobre nossa própria intolerância. Impõe-nos a reflexão sobre a cidade do nosso desejo: que Recife queremos construir para todos nós?...

A eterna mudança que pulsa nos percursos dos rios Capibaribe e Beberibe, que cruzam e fecundam o Recife, também alimentam a esperança de que não é tarde demais; que algo se passa nos escoamentos, nas margens e nas contra-correntes dos rios.

Talvez um dia possamos enxergar Severino, Fumaça e Isabel; se compreendermos que sua realidade se revela nos sentidos que lhes atribuímos, expressos e inscritos por meio da experiência.

Segundo Merleau-Ponty, é necessário fazer aparecer [...] o invisível que habita na

O Recife e o fantasma da intolerância

Maria Aparecida Lopes Nogueira

cidade, que a sustenta e que a faz ser, tornando-a possível, (2000, p.70). Portanto ao contar as histórias desses três moradores de rua sabemos mais e melhor quem somos (MANGUEL, 2008). Trata-se de uma tentativa de não nos exirmos de propor metapontos de vista regeneradores que põem à prova a solidariedade social do Recife e de toda metrópole.

Como metáforas da cidade, Severino, Fumaça e Isabel permitem descobrir um outro modo de nos colocar diante de alguns dos problemas que assolam o Recife. São capazes de desvelar novas possibilidades e de abrir percursos para o conhecimento a partir de modelos e representações de caráter construtivo, revelador e criativo. Estas metáforas, enquanto operadores cognitivos, podem constituir-se em instrumentos capazes de nos auxiliar a descobrir dimensões adormecidas da cidade, e permitir o acesso à lógica dos múltiplos sentidos que vislumbram a construção de uma ética fraterna e solidária para todos os habitantes do planeta.

A *urbis* contemporânea pode facilmente ser reconhecida como uma totalidade aberta, que se insere numa cartografia cultural de feição internacional. Ela está sendo estimulada por redes de cooperação, movimentos migratórios e processos comunicacionais que semeiam a ideia de cidadão planetário, sem que isso implique a perda das especificidades que a constituem.

Os moradores de rua, aqui citados, imprimem materialidade à simultaneidade de dois movimentos: o universal e o particular. Embora Severino, Fumaça e Isabel sejam do Recife, eles se ramificam; são envolvidos numa teia infinita que atribui aos desvalidos, entre outras coisas, o importante papel de construir um *mundo resistente*, aquele que é capaz de exprimir a sutura dos pares natureza-cultura, homem-espaco.

Como resultado da ação humana, o espaco é animado por um repertório de imagens que procura, a duras penas, valorizar a ideia de lugar, mesmo nesses tempos de desterritorialização.

De qualquer modo, e, ainda assim, cabe a Mnemosyne, mãe das musas, estimular a rememoração de conteúdos capazes de fornecer ao presente e ao futuro indícios de como lidar com a instabilidade e a incerteza, marcas indelévels da *urbis* contemporânea, salvaguardando o encantamento da memória.

A imaginação fomentadora de tal dialética re-encontra no sujeito imaginante a pulsação para mudar, por meio do confronto.

Esse confronto retira suas forças ao ligar caos e ordem, por isso não se trata de um enfrentamento – necessariamente – desordenador. Sob muitos aspectos, as lutas dos moradores de rua para terem acesso aos bens e serviços presentes nas políticas públicas de habitação, revelam as adversidades e tensões presentes nas relações entre o homem e o meio no Recife.

Ao perceber Severino, Fumaça e Isabel como emblemas da problemática que envolve a intolerância nas grandes metrópoles, descobre-se que a condensação entre imagens e forças também fecunda a vontade de mudança aí presente. Tal dinamologia suscita ações concretas de respeito ao *Outro* e de inclusão, a exemplo do Projeto Social *Pé no Chão*, já referido.

Embora tais projetos possam ser considerados como iniciativas tímidas ou forças fracas em meio à turbulenta exclusão a que são submetidos os moradores de rua, o que importa realmente é apostar em seu contínuo ricochetear. Nesse âmbito, a tarefa de todos consiste no esforço em multiplicar e amplificar pequenas ações que invistam em utopias de tolerância.

Evidentemente, a realidade material nos instrui e encaminha. Podemos adquirir habilidades, aperfeiçoar talentos e vocações, estimular desejos para tornar o Recife uma metrópole pródiga em coparticipações, pressupondo a ideia de cultura como prática universal, forma pela qual os problemas cotidianos são vividos e solucionados por grupos humanos distintos.

Subjaz a tal conjunto amplo constituído de valores, práticas, saberes e modalidades de

existência uma criatividade sem limites, insuflada pelos mistérios do mundo e a irreversibilidade do tempo, e que termina por reiterar a necessidade de percorrer *ad infinitum* o trajeto antropológico que oscila entre a realidade exterior e a experiência humana.

O Recife, tal qual toda e qualquer metrópole, confirma suas proezas imaginárias ao ressaltar as imagens como elementos fundamentais para a formação da ideia de pertencimento. Na medida que distingue seus praticantes dos demais, as imagens podem fornecer subsídios para a construção de um quadro geral da referida *urbis*, recuperando a importância emblemática de personagens como os moradores de rua.

Por certo, Severino, Fumaça e Isabel vivem necessariamente a sucessão do esforço e da busca do bem-estar imediato. Mesmo assim, não devem ser reduzidos a vítimas, pois revelam o Recife como texto; ou seja, a alma da cidade. Por meio deles aprendemos mais sobre nós mesmos, sobre como navegar em seus rios – individual e coletivamente – sobre a condição humana.

É a propósito das forças humanas de arbatamento que nos fala a urdidura entre imaginário e real, operacionalizadas por meio da utilização das metáforas. A perícia na sua aplicação confirma a eficácia de itinerários intelectuais voltados para o re-encantamento da ciência.

Esse re-encantamento nos coloca no âmago da cidade do Recife, onde os moradores de rua se tornam imagens pulsionais, um *mais-que-ser*, de acordo com as formulações de Bachelard (1991).

A imaginação, nesses termos, irrompe como o próprio centro de toda a ambivalência vivenciada no cotidiano da referida *urbis* contemporânea. As filigranas que envolvem a descrição de Severino, Fumaça e Isabel são expressões contundentes de valores estéticos e morais que confirmam o sentimento de intolerância para com eles.

O Recife mostra e esconde suas estratégias para excluir de sua paisagem – definitivamente – tais personagens e o lixo que representam.

Uma intensa intimidade com a relação imagem-ação permite desvendar a sagacidade das referidas estratégias e a agressividade ardilosa – às vezes, escancarada – que sustentam a intolerância.

É no enfrentamento contínuo de todo esse processo que os excluídos, refugio humano, aprendem a resistir. Distantes de uma suposta inércia, o contingente representado por Severino, Fumaça e Isabel, reage.

Sua luta renitente e renovada esboça os contornos de um *Topos* forjado nas sombras; diz respeito às astúcias de um saber-fazer em constante elaboração, que objetiva garantir, a todo custo, sua sobrevivência em patamares mais dignos.

Não é de admirar que a hostilidade gerada pela intolerância se transforme em uma fonte incalculável de formação de imagens que animam as ações de resistência. Aqui, vida requer outros significados: juízo das condições de realidade, explicitação do desprezo sofrido, ensejo de uma força sobre-humana.

Com a luta cerrada entre o *Mesmo* e o *Outro*, no seio do Recife contemporâneo, instala-se uma espécie de civilidade hipócrita por parte das camadas privilegiadas, que fingem aturar a palafita onde mora Severino, o *hip-hip* cantado por Fumaça e o reinado de Isabel.

Os diversos matizes de tal civilidade se apoiam num *húmus* fraco, sujeito a desmoronar a qualquer instante. Por isso, simultaneamente, busca-se a dureza e o acirramento para com o *Outro*; trata-se da crispação que intensifica o repúdio e o enclausuramento desse *Outro*, como tal.

Apesar do fervor e determinação em forjar a invisibilidade de suas mazelas, a *urbis* contemporânea não consegue lidar com as intimidações causadas pela força expressa na existência persistente dos moradores de rua.

A compreensão de tal persistência requer uma lógica não-determinista, retroalimentada por imagens primordiais de sonhos e utopias que prefiguram um Recife mais fraterno.

Esse cortejo de imagens arrebatam todos aqueles que apostam na fecundidade e beleza da troca que ocorre no encontro entre

O Recife e o fantasma da intolerância

Maria Aparecida Lopes Nogueira

o *Mesmo* e o *Outro*. Por consequência, a importância de aventurar-se nas trilhas do inacabamento, tornar-se elemento mobilizador, refinando as trocas do referido encontro, reprojando – sem cessar – a *urbis* contemporânea.

O espírito que se nutre do trabalho contínuo ilumina o espetáculo do *mundo resistente* que irrompe dessa bela aventura. Desse modo, perpetua-se a vida de quem tem sonhos ao alcance das mãos, mesmo que isso signifique desafiar os atores e suas estratégias de exclusão, numa metrópole como o Recife.

Em outras palavras, o desafio pode ser entendido como um desejo em ultrapassar os danos causados por uma cartografia cultural dilacerada, delineada numa *urbis* que, cada vez mais, persegue os valores de uma estética asséptica, higienizada.

Negando a soberba e superficialidade de tal assepsia, o Recife, como,

terra natal é menos uma extensão que uma matéria; é um granito ou uma terra, um vento ou uma seca, uma água ou uma luz. É nela que materializamos os nossos devaneios; é por ela que nosso sonho adquire exata substância; é a ela que pedimos a nossa cor fundamental (BACHELARD, 2002, p. 9).

No âmbito dessa instigante formulação de Bachelard, o Recife reconhece o fazimento de um espaço onde os moradores são viventes que a praticam e dela se apossam. Caminhantes loucos, trôpegos e romeiros, eles rasgam novas trilhas nessa metrópole, disfarçando na noite – mesmo sem querer – os efeitos perversos do sol escaldante, da fundura da lama, da miséria e da fome.

É durante a noite que Severino, Fumaça e Isabel sentem mais intensamente a ferocidade de sua invisibilidade. Seus corpos gritam sob o orvalho, os ventos, o calor e as chuvas que os assolam. A certeza do grito não ouvido ecoa como ferida na escuridão, ao mesmo tempo que transmuda seu sono

noturno em uma inquietação que despenca do céu sobre a metrópole com o furor e a luminosidade de um raio.

Na alma desses moradores de rua, habita o desejo de atrair o olhar sobre si: o Recife lhes deve – pelo menos – a turva visão daqueles que enxergam pela primeira vez. Quem sabe se a *urbis* tomada de assalto, ouse criar um outro surrealismo, no qual os rejeitados pela sociedade se transformem em cintilações de uma cidade múltipla, submetida ao milagre de reconhecer que todo e qualquer humano nasce com a vocação e o direito de ser alguém e de ter um lugar.

O Recife assim reinventado supõe que

a cidade não se revela em todos os seus segredos, por mais atento que seja o olhar de quem a observa. (...) Há sempre algo que se oculta, há uma magia em cada ato, em cada objeto da sociedade. (...) Quem conta ou decifra os mistérios de uma cidade sabe dos limites, dialoga com travessuras, descreve o que for possível. (...) Conseguir reduzir a cidade a um conceito único é impossível. Temos que explorar a sua diversidade” (REZENDE, 2007, p. 19).

Portanto, Severino, Fumaça e Isabel anunciam um Recife de manchas e nódoas de imagens que escorraça os moradores de rua. Apostar no rumor desses personagens-metáforas subsidiam itinerários intelectuais que tentam *dar a ver* a cegueira da *urbis* contemporânea.

Da pedra e do cal e das ruínas do Recife, brota a filiação com esse ideário que investe numa utopia em que se pode vislumbrar os vestígios de humanos como continuidade de seus rios. Reacende-se a esperança que permite o encontro feliz das correntezas do Beberibe e do Capibaribe como expressão do encontro ideal, no qual o *Mesmo* reconhece, enfim, a legitimidade do *Outro* enquanto *Outro* na convivência, viabilizando a existência de uma sociedade incendiada pela chama do respeito e da tolerância.

Referências Bibliográficas

A intolerância: Foro Internacional sobre a Intolerância, Unesco, 27/03/1997, La Sorbonne, 28/03/1997/ Academia Universal das Culturas; publicação sob a direção de Françoise Barret-Ducroq, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BACHELARD, G., *A terra e os devaneios da vontade – ensaio sobre a imaginação das forças*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. *A água e os sonhos – ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BARROS, Manoel de. *Poemas concebidos sem pecado*. 4ª. ed., Rio de Janeiro: Record, 2005.

CASTRO, R., *Carnaval no fogo – crônica de uma cidade excitante demais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CARVALHO, Edgard de A., *A reinvenção da cultura urbana, São Paulo 450-540*. Revista "Margem". São Paulo: Educ/CNPq, 1992, nº. 20, p. 51-65, dezembro de 2004.

DURAND, G., *O imaginário – ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

MANGUEL, A., *A cidade das palavras: as histórias que contamos para saber quem somos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MERLEAU-PONTY, M., *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva: 2000.

MORIN, E., *O Método III – o conhecimento do conhecimento*. Lisboa: Europa-América, s.l.d.

NOGUEIRA, Ma. Aparecida L., *A Cidade Imaginada ou o Imaginário da Cidade*. Revista "História, Ciências, Saúde: Manguinhos". v. 1.1. n.1 jul-out p.115-123,, Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz 1997

REZENDE, Antônio Paulo, *As múltiplas cidades de Calvino e Freyre*. In: FREYRE, Gilberto, "Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife". 5ª. ed., São Paulo: Editora Global, 2007.

O Recife
e o fantasma
da intolerância

Maria Aparecida
Lopes Nogueira